

Letras transparentes de um dizer

Leonardo Lopes

Resumo

Há 125 anos, a civilização não mede esforços para combater nas universidades, no empuxo à religião, com a mão invisível do mercado, uma pandemia de consequências irreversíveis para a espécie falante: seu nome, sabemos, a psicanálise. Após tantas guerras e inquisições desde a publicação da *Interpretação dos sonhos* (1900), no desafio de sustentar a política do inconsciente e a cura pela palavra, quão foi possível preservar do caráter pestilento de uma análise? Nessa orientação, este texto visa a formalizar a experiência virulenta de decomposição pela qual acontece um analista: primeiro, que se trata de uma infecção à qual o sujeito se abre na relação amorosa que caracteriza a transferência; segundo, o desejo de analista é produto de uma mutação sintomática, que, no cerne de seu equívoco de leitura, escreve-se em sequência poemática original e irreproduzível; e terceiro que, ao final dessa contaminação, emergem como diagnóstico as letras virais que escrevem “passador”. Letras silenciosas, que percorrem de maneira transparente as veias das cidades, mas que podem passar ao público a cada vez que um analista esmiúça a gramática da língua que comporta seu dizer — uma responsabilidade, essa de transmitir as contingências pela qual o ato analítico pode infectar.

Palavras-chave:

Transferência; Transmissão; Passador.

Transparent letters of the say

Abstract

For 125 years, the civilization has made every effort to combat a pandemic with irreversible consequences for the speaking species: this name, we know, is psychoanalysis. After so many wars and inquisitions since the publication of *The Interpretation of Dreams* (1900), in the challenge of sustaining the politics of the unconscious and healing through the word, how much has it been possible to preserve from the pestilential character of an analysis? With this in mind, this text aims to formalize the virulent experience of decomposition that an analyst goes through: firstly, that it is an infection to which the subject

opens up in the loving relationship that characterizes the transference; secondly, the desire for an analyst is the product of a symptomatic mutation that, at the heart of its misreading, is written in an original and irreproducible poetic sequence; and thirdly, that at the end of this contamination, the viral letters that write “passer” emerge as a diagnosis. Silent letters that run transparently through the veins of cities, but which can pass on to the public every time an analyst scrutinizes the grammar of the language that comprises his saying — a responsibility, that of transmitting the contingencies through which the analytical act can infect.

Keywords:

Transference; Transmission; Passer.

Letras transparentes de un decir

Resumen

Durante 125 años, la civilización ha hecho todo lo posible para combatir una pandemia de consecuencias irreversibles para la especie hablante en las universidades, en el empuje de la religión y con la mano invisible del mercado: su nombre, lo sabemos, es psicoanálisis. Después de tantas guerras e inquisiciones desde la publicación de *La interpretación de los sueños* (1900), en el desafío de sostener la política del inconsciente y de curar a través de la palabra, ¿cuánto ha sido posible preservar del carácter pestilente de un análisis? Con esto en mente, este texto pretende formalizar la virulenta experiencia de descomposición por la cual se produce un analista: en primer lugar, que se trata de una infección a la que el sujeto se abre en la relación amorosa que caracteriza la transferencia; en segundo lugar, que el deseo del analista es producto de una mutación sintomática que, en el corazón de su equivoco de lectura, se inscribe en una secuencia poética original e irreproducible; y en tercer lugar, que al final de esta contaminación, las letras virales que escriben “pasador” emergen como un diagnóstico. Letras silenciosas que corren transparentes por las venas de las ciudades, pero que pueden pasar al público cada vez que un analista escruta la gramática del lenguaje que comprende sus palabras: una responsabilidad de transmitir las contingencias a través de las cuales el acto analítico puede infectar.

Palabras clave:

Transferencia; Transmisión; Pasador.

Lettres transparentes d'un dire

Résumé

Depuis 125 ans, la civilisation s'efforce de combattre une pandémie des conséquences irréversibles pour l'espèce parlante dans les universités, dans la poussée à les religions et avec la main invisible du marché : son nom, nous le savons, c'est psychanalyse. Après beaucoup de guerres et d'inquisitions dès la publication de *L'Interprétation des rêves* (1900), dans le défi de soutenir la politique de l'inconscient et de guérir par la parole, qu'a-t-on pu préserver du caractère pestilentiel d'une analyse ? Dans cette perspective, ce texte vise à formaliser l'expérience virulente de décomposition qui produit un analyste : d'abord, qu'il s'agit d'une infection à laquelle le sujet s'ouvre dans la relation amoureuse qui caractérise le transfert ; ensuite, que le désir de l'analyste est le produit d'une mutation symptomatique qui, au cœur de son équivoque de lecture, s'écrit dans une séquence poétique originale et pas reproductible ; enfin, qu'au terme de cette contamination, les lettres virales qui écrivent « passeur » émergent comme un diagnostic. Des lettres silencieuses qui courent en transparence dans les veines des villes, mais qui peuvent passer au public chaque fois qu'un analyste scrute la grammaire de la langue qui compose leurs mots — une responsabilité de transmettre les contingences par lesquelles l'acte analytique peut infecter.

Mots-clés :

Transfer ; Transmission ; Passeur.

Em biologia, replicação é o processo fundamental de transmissão geracional do código genético de uma espécie e que ocorre antes da divisão celular, no período denominado interfase — trata-se de uma operação de semiconservação, pois, na separação da dupla fita que constitui a molécula de DNA (ácido desoxirribonucleico), parte da sequência original é preservada enquanto uma nova fita é criada, não sem equívocos de codificação. A extração da lógica de tal processo é fundamental não apenas para o mapeamento das particularidades de uma espécie, mas para a investigação sobre a transmissão de inúmeras infecções: os lentivírus, por exemplo — vírus de grande período de incubação, responsáveis por inúmeras patologias associadas aos sistemas neurológico e de defesa e que se diferenciam por terem um genoma simples, composto apenas por uma fita proteica de RNA (ácido ribonucleico) —, utilizam-se da replicação de organismos hospedeiros para transmissão de informação, sob um dos métodos mais eficazes de “transferência gênica”.

No que toca à transmissão e à manutenção, há 125 anos a civilização não mede esforços para combater nas universidades, no empuxo à religião e com a mão invisível do mercado, uma pandemia de consequências irreversíveis para a espécie falante: seu nome, sabemos, a psicanálise. Após tantas guerras e inquisições desde o ato inaugural por Freud — seu instante de ver a publicação de *Interpretação dos sonhos* (1900) e seu momento de concluir a primeira edição de *Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade* (1905) — sobre esse desafio, o de sustentar a cura pela palavra, quão foi possível preservar do caráter pestilento de uma análise?

Nessa orientação, a experiência virulenta de decomposição gênica pela qual acontece um analista pode ser traduzida em três operações lógicas: 1) a infecção à qual o sujeito se abre na relação amorosa que caracteriza a transferência; 2) a mutação que produz um analista, pela qual, no cerne de seu equívoco de leitura, escreve-se em sequência poemática original e irrepetível; 3) o final dessa contaminação, quando um analisante recebe as notícias de um diagnóstico, cujas letras virais escrevem “passador” e que se sustenta por um (in)sabido no lugar de uma verdade. Tais letras, que percorrem de maneira transparente as veias das cidades, podem ser diagnosticadas a cada vez que um analista esmiúça a gramática da língua que comporta seu dizer — quer dizer, com que palavras traduzir tais contingências, aquelas pelas quais o ato analítico pode infectar?

Ao demitir-se da International Psychoanalytical Association (IPA), Lacan apontava justamente para as hipóteses científicas sustentadas em relação à transmissibilidade do vírus de analista, ao interrogar a função dos didatas. Se, por um lado, o significante qualquer (Sq) não é *prêt-à-porter*, posto que cabe ao candidato a analisante extraí-lo quando no estabelecimento da transferência, e se o desejo de saber mobiliza o desejo de se analisar, por outro toda a operação de transcrição e replicação gênica será feita inteiramente no organismo hospedeiro. Dada a singularidade da genética sintomática de cada analisante, os efeitos produzidos pelo processo infeccioso são os mais diversos possíveis sobre o esquema corporal de gozo do sujeito, o que impõe a investigação central de uma Escola: como verificar a eficácia dessa contaminação que no bem da verdade inscreve o sujeito nos termos reais da vida?

Paradoxalmente, ao fazer das leis do significante sua prática, o novo analista se presentifica como essa letra reduzida que transa-aparece. Pela via da desproporção sexual, será o provocador da patologia da cura que Freud nomeou de neurose de transferência, já que em sua passagem ao ato autorizou-se a desaparecer sob a forma de uma transparência — em língua portuguesa, palavra que designa o compromisso com a verdade e, ao mesmo tempo, material utilizado para projetar um escrito a ser lido. Ou seja, fazer-se texto, uma carta a mais clara possível, capaz de receber o endereçamento da escrita da pergunta fundamental: a entrada na linguagem é insolente ou envolvente?

A calada da cama promove uma suposição de saber, de modo que, estabelecida a transferência de trabalho em torno do texto inconsciente, uma vez contaminada a vida pulsional do sujeito, nada será como antes...

Quanto ao vírus que nos interessa, trata-se de um parasita que se utiliza da estrutura genética infectada — as fitas silábicas em função de defesa ou resistência — e que só poderá alcançar sua eficácia desde que em um aparelho discursivo estabelecido. Fora de uma gramática transferencial, um analista encontra-se inofensivo como qualquer significante, ou seja, que se predica como tal por estar desprovido de qualquer especificidade, e, desde essa propriedade, uma transparência permite as mais variadas suposições. Disso podemos concluir que esse significante não é tão qualquer assim, já que, se a transferência é um laço radicalmente original, não dá para dar para qualquer um, para todo mundo... Sobretudo, Freud já nos antecipava que a tarefa de interpretação do sonho depende de uma chave de leitura capaz de articular os dois alfabetos em jogo em sua ciência, esse do texto manifesto e aquele do texto latente, sem a qual a tarefa de tradução não pode avançar a seu fim.

Uma vez que penetra o alvo, o significante qualquer é transcrito em uma novidade, o significante da transferência, processo de leitura permeado por mutações, pois a decifração, aquela do desejo inconsciente, envolve diversos equívocos. Responsável por reger as operações de inscrição, escrita e leitura que constituem o trabalho analítico, o significante da transferência replica o DNA sintomático do analisante: conserva parte de sua estrutura, mas produz com seus restos um novo alfabeto pulsional — desse modo, o que se deduz é um incurável, com o qual é possível viver e, ao mesmo tempo, por um acaso, uma gramática passível de ofertar códigos da espécie falante. Estamos advertidos de que nem toda análise produz um analista, mas, se orientados pelo dizer de que uma análise é o que se pode esperar de um psicanalista, de que aquilo que entendemos por ensino só pode ser efeito de sua experiência pessoal com o saber inconsciente, não seria viável ponderar que a eficácia pestilenta de um analista se verifica por sua possibilidade de transmitir uma herança — o amor à língua, ao acaso da letra — capaz de perpetuar a psicanálise?

Entre os campos de saber que mapeiam a evolução dos seres falantes, é fato que milhares de anos são necessários para que a contingência dos acidentes genéticos produza ganhos significativos do ponto de vista adaptativo, ou ainda permanece enigmática a causa do que se amarra como “patologias da sexualidade”. No campo do gozo, sob a política de que uma análise tem seu fim, o tempo para passar uma aberração é outro: replicamos o discurso analítico desde Freud, a partir do que deduzimos quanto à transferência, sobre seu estabelecimento, desdobramento e sua elaboração — por um lado, conservamos parte de sua sega cortante, o que constitui nossa filiação; por outro, saltamos com a ciência dos sonhos para além de sua época, desde a subversão que nos orienta à Escola, o passe.

No procedimento do passe, receber a notícia “passador” a partir da chamada do passante, bem como o barulho de seu trabalho silencioso de transmissão junto ao cartel do passe, não é suficiente. Um acaso, já que nem todos são sorteados a conferir os resultados do exame do inconsciente, e uma responsabilidade, pois, além de se deixar povoar pelo afeto que não dissimula diante dos ecos da doença da transferência, de não recuar ao que a angústia quer dizer, será preciso que o analisante faça algo com a experiência que lhe reserva a função para a qual fora designado. Função de Escola, diga-se de passagem, que manifesta uma gama de sintomas: a língua solta, a percepção corporal da mortalidade (um buraco no dente, pés doloridos, choro em cachoeira, “assistolia” cardíaca...), o que conhecemos por “reações terapêuticas negativas” e que nesse momento indicam que a roupa da fantasia não cabe mais, novas roupas que desenhem o corpo gozante sem escondê-lo, entre outros.

Uma vez deduzidas as cifras de sua entrada como sujeito no real, esse diagnosticado passador veste-se pelo tecido hetero, discreto, transparente de seu dizer, para, na pluralidade das línguas, deixar-se atravessar pelo texto que recolhe e assim encontrar nessa experiência as *mots de passe*¹ capazes de transmitir o ritmo da autorização de si mesmo da qual o passante dá testemunho. Por conseguinte, ao testemunhar a eficácia de uma cura em produzir um analista, o passador não se acovardará em face das consequências de sua própria doença transferencial: “de que maneira me infectei pelo desejo de analista?”. Em outras palavras, o que um analista escreve em sua análise torna-se um testemunho autêntico e eficaz de passar ao público a estrutura real do inconsciente, a ponto de fazer a psicanálise avançar — autoriza-se analista aquele que não guarda o objeto *a* em seu bolso e que faz da transferência de saber sua tática de permanecer traficante da política do inconsciente na cultura.

Recebido: 01/12/2023

Aprovado: 15/12/2023

1 Da língua francesa, pode ser traduzida por senha, código de acesso ou de identificação. Lacan empregou a expressão em diferentes momentos de seu ensino em seu sentido literal, ou seja, “senha”. Aqui, será mantida a palavra em francês, a partir da equivocação na tradução por “palavras de passe”.